

UM POETA ESQUECIDO

Yves Gandra da Silva MARTINS

E' a poesia a arte mais cultivada pelo brasileiro. Desde o rude caboclo ao eminente escritor, desde o humilde trabalhador ao milionário despreocupado, desde o soldado fanfarrão ao poderoso general, todo o brasileiro ama e cultiva a arte de fazer versos. Raro é o nosso patricio que não compõe ou não compôs poemas. O poesia lirica brasileira não teme confronto com a da França, Alemanha, Inglaterra ou Itália. Todos os nossos poetas a cultivaram e a cultivam, sendo que por intermédio dela, tiveram ou têm seus nomes escritos em nossa história literária, tais como GONZAGA, GONÇALVES DIAS, CASEMIRO, BILAC, VICENTE DE CARVALHO, CRUZ e SOUZA, GUILHERME DE ALMEIDA e outros.

Porém saindo dêste setor, sentimos uma vácuo tenebroso. Na poesia patriótica possuímos alguns nomes, mas sem projeção mundial, na épica salvo o embrião de Castro Alves não nos vêm a memória outros poetas, na filosófica apenas RAUL DE LEONI e AUGUSTO DOS ANJOS possuem valor.

Entretanto, um jovem que morreu aos 23 anos, hoje quase totalmente esquecido, foi talvez o único vate de vocação épica que tivemos neste século. Trata-se de Moacir de Almeida.

Na literatura brasileira somente uma figura se lhe compara, e esta figura é a do imortal autor do "EU".

Dois gênios inteiramente diversos quanto ao estilo, de idéias filosóficas diferentes, de concepções poéticas contraditórias, mas semelhantes no sofrimento, no amor e na morte. Tudo o que AUGUSTO fora em profundidade, Moacir foi em amplitude. Diz Pádua de Almeida num paralelo entre os dois. "Em Ambos há o monstruoso. Em ambos aquela mão de esqueleto dos festins de Baltazar traça o mesmo sinal funesto; apenas em MOACIR DE ALMEIDA os caracteres são de chamas e em AUGUSTO DOS ANJOS são de trevas. Vejam num e noutro o mesmo signo."

Eis o poeta que dorme num imerecido esquecimento.

Seu livro "GRITOS BARBAROS" é chocante desde o título. São brados de sofrimento, de amor, de visões expressos de uma maneira que deprime, e acabrunha, diminui.

A primeira parte desta obra, "VOZ DOS ABISMOS" tem no nome toda a sua história. São poemas que exprimem revolta, angústia e dor. Revolta pela impotência do autor frente a moléstia que o atormenta, de angústia perante a incerteza do futuro, e de dor pelos sofrimentos momentâneos. E' a voz que parte dos abismos de um coração moribundo, que nas agonias da morte busca a vida desesperadamente.

A segunda parte intitulada-se "SOLUÇOS DO DESERTO". Bastante diverso do primeiro terço, esta na sua quase totalidade possui versos de amor, mas de um amor que por falta de compreensão torna-se mórbido e desvairado. São versos que reproduzem o título. São soluços vindo de um corpo que não deixou descendência sobre a terra, de uma alma que deseja porém não encontra amor, de um espírito que não mais crê na vida.

A terceira parte chama-se "CLAMOR DOS SECULOS" e embora seja diferente das duas primeiras conserva o vocabulário épico que caracteriza Moacir. Neste final dos "GRITOS BARBAROS" há uma recordação através dos séculos das grandes figuras, obras e fatos da humanidade, como se eles clamassem pela própria imortalidade. Parece que neste epílogo o poeta começa sua ascensão ao templo da sabedoria. E', em resumo, o fecho de ouro de seu livro.

Há também de publicação póstuma 21 poesias sob o nome de "OUTROS POEMAS", que embora de menos valor possuem a centelha do gênio.

E' este poeta que infelizmente o público está renegando a um injusto esquecimento.

"A

Cidade"

18/5/1952